



PIBID: Percepções das mulheres do Clube das Meninas Cientistas

Joyce de Lima Mariano; Natali Dendevicz dos Santos; Ofélia Maria Marcondes

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) destina-se a estudantes de cursos de licenciatura que se comprometam a desenvolver projetos em escolas públicas sob a coordenação da instituição de ensino superior e a supervisão de docentes da educação básica. O objetivo é a conexão entre os futuros professores e as salas de aula da rede pública. Por meio dessa iniciativa, o PIBID estabelece vínculos entre ensino superior, escolas e sistemas estaduais e municipais de educação. O propósito do programa é criar um trabalho conjunto entre as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, efetivando o elo necessário entre ensino, pesquisa e extensão. Além disso, o PIBID tem a finalidade de incentivar a formação dos licenciandos, contribuindo para que se supere o dualismo teoria e prática, oferecendo o primeiro contato dos graduandos em licenciatura com estudantes da educação básica em suas vivências de aprendizagem nas salas de aula e demais espaços da e na escola.

A partir do ano de 2018 (Sobre o histórico do PIBID no Câmpus Registro, veja o texto do Prof. Dr. Rogério Deitali Bruno, neste Dossiê: *O processo de construção do PIBID 2018 no âmbito do curso de Licenciatura em Física do campus Registro do IFSP*), o Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Câmpus Registro, aderiu ao PIBID e, desde então, com o trabalho conjunto dos docentes do curso de Licenciatura em Física e da supervisão dos professores das escolas-parceiras, os licenciandos – bolsistas e voluntários – vêm construindo e desenvolvendo diferentes projetos em

duas instituições de ensino estaduais, uma localizada em Registro, sendo a Escola Estadual Dr. Fábio Barreto e a outra, na cidade de Juquiá, a Escola Estadual João Adorno Vassão. Dentro do programa PIBID, os estudantes são divididos em grupos, formando diferentes clubes com o intuito de que os pibidianos e pibidianas participem de grupos com os quais se identifiquem e com isso desenvolvendo trabalhos voltados para o ensino e a aprendizagem da Física.

Todas as licenciandas que fazem parte do PIBID participam do **Clube das Meninas Cientistas** que visa o incentivo da inserção das mulheres na ciência, dando visibilidade ao trabalho que realizam nas diferentes áreas do conhecimento e cuja finalidade é estimular as meninas da educação básica, em especial aquelas do ensino médio que são o público-alvo do PIBID Câmpus Registro, à participação na e da produção científica, bem como mostrar o papel da mulher nas ciências e sua contribuição para a transformação do mundo.

Neste clube, buscamos trabalhar com conteúdos que versem sobre a história de vida profissional e a trajetória de cientistas mulheres, promovendo a visibilização de seus trabalho por meio de três tipos de atividades: a montagem e divulgação de cartazes com sugestões de filmes que retratam pesquisadoras; a realização de pesquisas e publicações sobre a vida e a carreira de pesquisadoras na área de Ciências da Natureza e Matemática e, por fim, a organização de *lives* com mulheres cientistas, as *lives* são veiculadas pelo Instagram do PIBID/RGT, <https://www.instagram.com/pibid_ifsp_rgt/>. Essas atividades foram pensadas de forma a aproximar esse tema das meninas do ensino médio, mostrando a elas que é possível uma mulher seguir a carreira na área das ciências.

De acordo com Leta (2003), historicamente a ciência tem sido considerada uma atividade realizada pelos homens e esse quadro não mudou até depois da segunda metade do século XX. Leta fala que em sua pesquisa é mostrado um aumento no número de mulheres em alguns cursos de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), inclusive nos cursos tradicionalmente masculinos, grupos de pesquisas do CNPq e docentes da Universidade de São Paulo (USP). O estudo de Leta mostra que, apesar da maior participação no sistema de ciência e tecnologia brasileiro, as mulheres têm menores chances de sucesso e desenvolvimento na carreira. Existe um número pequeno de participação das mulheres no mundo das

ciências ainda hoje, ou ao menos persiste uma invisibilidade de seus trabalhos e um silenciamento de suas vozes no mundo da comunicação dos trabalhos que desenvolvem.

As mulheres são 52% da população brasileira ocupada a partir dos 14 anos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mesmo assim, ganham cerca de 20% menos que os homens. Em termos de horas trabalhadas, as mulheres chegam a trabalhar quase 5 horas a mais do que eles. Não só na área acadêmica e de pesquisa a questão de gênero é um marcador importante para nossa análise, mas também na desigualdade no campo do trabalho remunerado. O silenciamento do trabalho das mulheres também pode ser notado nas publicações e citações, principalmente porque apenas 30% de pesquisadores são mulheres. Essa realidade é consequência de uma sociedade desigual, e também da dificuldade e até impedimento de acesso das mulheres à educação formal. Segundo a revista *Science*, mesmo com o número crescente de mulheres em cargos de pesquisa, apenas 11% são ocupados por mulheres na área da Física e astronomia.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) divulgou um estudo de 2015 intitulado “O que está por trás da desigualdade de gênero na educação” que aponta haver uma certa falta de confiança das meninas no que se refere ao seu desempenho nas disciplinas das áreas das Ciências da Natureza e Matemática, o que, conseqüentemente, interfere na escolha de carreiras nessas mesmas áreas.

Inspiradas pelo Dia Internacional das Meninas e Mulheres na Ciência, celebrado em 11 de fevereiro, tendo sido declarado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em parceria com a ONU Mulheres para dar visibilidade à presença feminina nos diversos domínios científicos e profissionais, damos continuidade ao **Clube das Meninas Cientistas**, divulgando nomes e trabalhos de várias mulheres cientistas.

Nas *lives* as convidadas falam sobre suas pesquisas e as dificuldades pelas quais passaram para chegar onde chegaram nas suas carreiras como pesquisadoras. Apesar dos obstáculos encontrados no caminho, conseguiram realizar o sonho delas e é interessante notar que até o momento as mulheres convidadas para contar um pouco

sobre a sua trajetória, além de serem pesquisadoras também são professoras, isso mostra que elas estão sempre compartilhando conhecimentos e incentivando os seus alunos e alunas a seguirem a carreira que desejam, e para alguns estudantes talvez essas mulheres sirvam de inspiração para seguirem em uma área de professores-pesquisadores.

Até o momento (agosto de 2021), realizamos lives com três mulheres cientistas: a Prof^ª. Dr^ª. Kenya Aparecida Alves, <<http://lattes.cnpq.br/1659750037379774>>, Prof^ª. Dr^ª. Phamilla Gracielli Sousa Rodrigues, <<http://lattes.cnpq.br/9119868359151299>> e Prof^ª. Dr^ª. Ofélia Maria Marcondes, <<http://lattes.cnpq.br/3976550232672957>>. Essas pesquisadoras são professoras no IFSP - Câmpus Registro. As conversas foram transmitidas via Instagram através do perfil do PIBID. As entrevistadas falaram sobre suas pesquisas e sua trajetória até o presente momento. Por meio de seus relatos, observamos que elas enfrentaram algumas dificuldades, mas com o apoio das pessoas que as influenciaram elas perseveraram.

Fizemos perguntas que relacionam a trajetória delas com o preconceito por serem mulheres e estarem no mundo da ciência, em sua maioria, as doutoras relataram uma certa dificuldade em serem ouvidas ou perceberam que, para serem notadas, teriam que agir de forma mais firme.

Quando questionadas sobre o que poderia ser feito para introduzir as meninas no mundo das ciências, as pesquisadoras tiveram ideias interessantes, uma delas seria promover eventos onde essas meninas pudessem ser ouvidas, realizando encontros com as alunas do ensino médio, onde elas falassem sobre as suas dificuldades e seus receios, mostrando que não estão sozinhas e que apesar dos óbices, elas são capazes de serem e seguirem a carreira que quiserem. Outra ideia intrigante é encontrar um meio de divulgar mais o trabalho do **Clube das Meninas Cientistas**, incentivando a divulgação científica do grupo e mostrando que são realizados por mulheres. Mudar o currículo é fundamental para que haja protagonismo das meninas na escola e mulheres nas ciências, dando visibilidade e voz às mulheres que contribuem para o desenvolvimento do conhecimento científico.

Além disso, em uma das *lives* realizadas refletimos sobre o que realmente é ser cientista, tentando desconstruir a visão estereotipada de que cientista é somente quem trabalha em laboratórios, e já está claro que fazer ciência vai além disso, ser cientista engloba as várias áreas de conhecimento, em muitas das vezes as pessoas nem imaginam. Entende-se que fazer ciência é a busca de um conhecimento mais aprofundado de algo, como realizar um trabalho investigativo, que exija uma reflexão e/ou uma abordagem prática com o intuito de identificar, observar e pesquisar um determinado fenômeno, seja ele físico, químico, político, social.

É interessante comentar que a cada conversa que finalizamos com as pesquisadoras, percebemos que nos sentimos mais felizes e motivadas para continuar esse trabalho, e a cada *live* finalizada recebemos mensagens de agradecimentos que dizem que as conversas foram maravilhosas, excelentes e inspiradoras. Essas falas e as *lives* com as professoras nos incentivam a prosseguir tanto no sentido de continuar divulgando os trabalhos realizados das mulheres cientistas quanto a dar continuidade às nossas carreiras como pesquisadoras.

O feminismo contemporâneo tem contribuído para mudar o status das mulheres no campo da ciência. Nas últimas décadas, temos testemunhado um progresso significativo no envolvimento e participação das mulheres no campo das ciências. Nos dias atuais, percebe-se que há um grande número de mulheres nas universidades e instituições de pesquisa (SILVA; RIBEIRO, 2014).

É de fato que se nosso país pretende desenvolver-se economicamente, sendo necessário um investimento massivo na educação, pois, torna-se fundamental estimular que metade da nossa força de trabalho participe ativamente desses setores estratégicos para o nosso país. A participação que vem crescendo das mulheres no ensino superior pode apontar mudanças na incorporação desse contingente nesse mundo das ciências, mas ainda há um baixo número de mulheres em algumas áreas científicas (LETA, 2003).

Contudo, observamos que este projeto em questão, o **Clube das Meninas Cientistas**, vem nos mostrando o quão importante é a participação das pesquisadoras entrevistadas em nossas *lives*, e como as suas experiências e suas trajetórias inspiram a nós e várias outras mulheres a iniciar essa jornada científica, seja nas áreas das



humanidades ou nas exatas. Para finalizar, defendemos a necessidade de introduzir na ciência uma perspectiva de gênero e também incorporar a consciência crítica nas formações dos jovens cientistas.

O **Clube das Meninas Cientistas** é uma das muitas iniciativas na luta permanente para a ampliação da participação das mulheres na vida acadêmica, na produção científica e no reconhecimento de seu valor para a transformação das relações desiguais de gênero. É importante ressaltar que para um mundo verdadeiramente justo é necessária a superação das desigualdades, a democratização do acesso ao conhecimento, a universalização da escolarização e a presença efetiva das mulheres nos espaços públicos.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. PIBID - Apresentação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. Estudos Avançados [online]. 2003, v. 17, n. 49, pp. 271-284. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300016>>. Epub 17 Fev 2004. ISSN 1806-9592. <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300016>>. Acesso em: 03 ago. 2021.

SILVA, Fabiane Ferreira da e RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". Ciência & Educação (Bauru) [online]. 2014, v. 20, n. 2, pp. 449-466. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>>. ISSN 1980-850X. <<https://doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>>. Acesso em: 03 ago. 2021.

Autores:

Joyce de Lima Mariano: Cursando Licenciatura em Física no IFSP - Câmpus Registro, pesquisadora do Grupo de Pesquisa Mandacaru: educação e filosofia.

<<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4273081596423963>>.



ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-4817-9519>>.

Natali Dendevicz dos Santos: *Cursando Licenciatura em Física no IFSP - Câmpus Registro.*

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-7524-8671>>.

Ofélia Maria Marcondes: *Filósofa e pedagoga. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atua como docente nos cursos de Licenciatura do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Câmpus Registro. Líder do grupo de pesquisa Mandacaru: educação e filosofia:* <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4273081596423963>>.

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-2775-2785>>.

Plataforma Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3976550232672957>>.